

Apresentação do Dossiê: Reflexões interdisciplinares sobre a Pandemia causada pela Covid-19

Organizadora: Roselaine Ripa¹

[...] somente o anjo esquerda
da história escovada a
contrapelo com sua
multigirante espada po-
dera (quem dera!) um dia
convocar do ror
nebuloso dos dias vin-
douros o dia
afinal sobrevivente do
justo
ajuste de
contas

(Haroldo de Campos)

A pandemia do coronavírus tem deixado ainda mais expostas as contradições de um capitalismo administrado (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), explicitando suas desigualdades, catástrofes, pandemônios, fraquezas e fragilidades. Ao mesmo tempo, essas mazelas, juntamente com a ciência e seus estudos, têm sido ofuscados pelos discursos de ódio de governantes e seus(suas) seguidores(as), propagando obscurantismo e aspirações fascistas.

Seguindo os ditames do capital, impõe-se como possível um único modo de ser, de trabalhar, de consumir, de se relacionar, de se divertir, de se alimentar.... Nesse contexto desastroso, o que fizemos com o mundo e o que será do mundo são perguntas urgentes e que não têm ocupado o espaço necessário para [re]pensarmos a realidade social, econômica, histórica, cultural e educacional.

¹ Doutora em Educação (UFSCar). Professora efetiva na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Líder do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Sul (CNPQ/UDESC). Endereço Postal: Servidão Catavento, 91, apto 106, Campeche, Florianópolis/SC. E-mail: roselaine.ripa@udesc.br

A Covid-19 não ficou limitada à China, aos países Africanos ou da América Latina. Todos foram atingidos, mas as consequências não são as mesmas em todos os lugares e o Brasil tem sido um capítulo à parte. No texto “Bem-Vindo ao Estado Suicidário”, Safatle (2020, s/p.) nos provoca a pensar o contexto brasileiro, com seus corpos invisíveis e de capital sem limites: “Não se trata de um Estado autoritário clássico que usa da violência para destruir inimigos. Trata-se de um Estado suicidário de tipo fascista que só encontra sua força quando testa sua vontade diante do fim”.

Uma mistura de capitalismo e escravidão, ressalta Safatle (2020), que revela a indiferença assassina e negligente do Estado Brasileiro, que reduz os mortos - na maioria negros/as, moradores/as das periferias, pertencentes à classe trabalhadora² - aos efeitos colaterais do necessário funcionamento da economia. Nesta lógica perversa, que tangencia uma falsa dicotomia entre “economia” e “vida”,

[...] o que afinal significa 5.000, 10.000 mortes se estamos falando em “garantir empregos”, ou seja, em garantir que todos continuarão sendo massacrados e espoliados em ações sem sentido e sem fim enquanto trabalham nas condições mais miseráveis e precárias possíveis? (SAFATLE, 2020, s/p.).

Nesse contexto de militarização da saúde por um governo autoritário, ultracapitalista e ultraconservador, que idolatra torturadores e idealiza as forças armadas, em 26 junho de 2020, mesmo com subnotificação crônica³, o Brasil continua a ocupar o segundo país do mundo em número de casos confirmados, atingindo 1.244.419. Mortes já são 55.304. Em crescimento alarmante.

Em âmbito mundial, são 9.682.414 casos confirmados e 491.113 mortes até 26 de junho de 2020. Diante desses números, somos levados a acreditar que se trata de algo radicalmente novo, mas, tal como Badiou (2020) afirma, em 2003 havíamos passado pela “primeira doença desconhecida do século XXI”, a SARS-CoV-1 (Síndrome Respiratória Aguda Grave). Por que não foram financiadas pesquisas para

² Morrem 40% mais negros que brancos por coronavírus no Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil>. Acesso em 18 de junho de 2020.

³ Mesmo com subnotificação crônica, Brasil tem 2ª maior velocidade de infecção. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/04/30/mesmo-com-subnotificacao-cronica-brasil-tem-2-maior-velocidade-de-infeccao>. Acesso em 18 de junho de 2020.

disponibilizar possibilidades de ação contra uma segunda doença? Ao contrário: no Brasil, por exemplo, foram tomadas decisões políticas que cortaram o investimento das pesquisas que poderiam nos deixar hoje mais próximos de uma vacina para o SARS-CoV-2, bem como enfraqueceram, com a ausência de investimentos, um sistema de saúde apto a atender com qualidade e dignidade humana a todas as pessoas.

Dessa forma, acompanhamos o enfrentamento da Covid-19 sob os ditames dos mecanismos do capital. Tenta-se sufocá-la, omitindo dados, vendendo os mortos como fenômenos naturais, colocando os recursos públicos a serviço do mercado financeiro e não dos anseios da população. Nega-se o direito a renda básica universal, ao mesmo tempo que se exige o sacrifício de muitas pessoas para a manutenção das regalias de poucas. Se olharmos com atenção, o que transborda é a exploração capitalista e uma desigualdade radical, com a manutenção da ideia da supremacia branca, do imperialismo, do descaso com os/as deficientes, do massacre dos(as) indígenas, da devastação dos recursos naturais, da exploração de trabalhadores(as), da violência contra as mulheres e das populações LGBTQI+, do fanatismo religioso...

O Estado afasta-se, assim, da sua função primordial de proteger as pessoas para salvaguardar de forma incondicional o capital. Seguindo essa lógica, assistimos que até mesmo aqueles(as) que poderiam seguir o imperativo de “ficar em casa”, acabam aderindo cegamente aos ditames dessa sociedade, que é também a do espetáculo, na qual o “aparecer” deve imperar sobre o ser (DEBORD, 1997), contribuindo para a manutenção do ritmo do consumo. O “ficar em casa” e seguir as orientações dos órgãos da saúde poderiam se tornar, neste caso, atitudes de solidariedade e consciência coletiva, no intuito de proteger e ajudar os que estão obrigatoriamente mais expostos ao novo Coronavírus ou que pertencem aos grupos de risco. Porém, o que tem ocorrido é a comemoração por se estar de volta à “normalidade”, mesmo sem ter no horizonte o fim da pandemia, reforçando o negacionismo.

Essa necessidade de manter o ritmo também está atingindo de forma feroz a área da Educação, foco desse dossiê. Sob a máscara da inovação, devido ao uso das tecnologias digitais, as redes de ensino passaram a implantar - de forma improvisada

e autoritária, sem estrutura técnica e pedagógica, desprezando a realidade dos profissionais da educação, bem como dos educandos/as e de suas famílias - as denominadas “atividades pedagógicas não presenciais”, tal como aprovado no Parecer CNE nº 5/2020 (BRASIL, 2020).

Ao vivenciar tal situação, os(as) autores(as) dos textos que compõem esse dossiê foram convidados(as) para um momento de reflexão, uma espécie de respiro nesta engrenagem que estava voltando a funcionar e, como já era previsto, causando um desmonte do processo de ensino-aprendizagem. Foi essa a motivação do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Sul, com sede na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), ao propor o *Ciclo de Palestras Online: Reflexões Interdisciplinares sobre a Pandemia*. Era necessário acolher os(as) acadêmicos(as) e reunir professores(as), técnicos(as) universitários(as) e comunidade em geral interessada para discutir as temáticas que perpassam o currículo dos cursos de graduação do Centro de Educação a Distância (CEAD/UDESC), mas que naquele momento precisavam ir além de apenas seguir a exigência de uma matriz curricular e concluir mais um semestre letivo.

Sendo assim, os textos que compõem esse dossiê são desdobramentos das palestras *online*, que ocorreram ao longo de oito semanas, entre os meses de abril e junho de 2020, atingindo em média, por dia, 270 pessoas, ou seja, por volta de 2.160 acessos no total.

O impacto dessa ação pode ser observado no artigo *Reflexões Interdisciplinares sobre a Pandemia da Covid-19: um relato de experiência do Ciclo de Palestras online*, que compõe o primeiro capítulo desse dossiê. Na sequência, os(as) autores(as) apresentam diversas discussões e reflexões envolvendo a área da Educação, entrelaçando análises sobre as seguintes temáticas: a importância da filosofia como campo do saber que se opõe às explicações dogmáticas; a adoção da educação a distância na Educação Básica; a inclusão e exclusão digital no contexto de isolamento social; mediação pedagógica *online* e educação midiaticizada por tecnologias digitais; as implicações do isolamento social para as pessoas com deficiência; os aspectos relacionados à sexualidade, aos afetos e desafetos nos diferentes relacionamentos; as relações entre educomunicação e sustentabilidade.

Em meio a tantas exigências que o contexto atual nos impõe, inclusive de resistência e sobrevivência, propomos esse dossiê enquanto contribuição do nosso grupo de pesquisa, convidando à leitura e ampliação das discussões.

Referências

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.

BADIOU, Alain. **Sobre a situação Pandêmica**. Tradução: Daniel Alves Teixeira. 2020. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/08/badiou-sobre-a-situacao-epidematica/>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE nº 5**, de 28 de abril de 2020. Dispõe sobre a reorganização do calendário escolar e sobre a possibilidade de cômputo de atividades pedagógicas não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia da Covid-19. 2020b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CAMPOS, Haroldo de. **O anjo esquerdo da história. Haroldo de Campos. De Sem-Terra Passaram A**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/28/mais!/21.html>>. Acesso em: 18 de jun. 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao Estado suicidário**. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/004>>. Acesso em: 18 jun. 2020.